

## Piaget

Andava pelo enorme rio, tranquilo. Nadava devagar, banhando-se como um rei, que na realidade era. Subitamente, um pássaro pousou-lhe nas costas, couraça dura. Cumprimentaram-se. O pássaro aproveitou para comer uns restos alimentares do Nilo, que Piaget trazia colados no lombo. “Então, Jung, continuas um belo bacoco”, disse Piaget, com ar de desdém. “Pelo contrário, vê que a minha teoria do Inconsciente Colectivo está provada, pelo menos para nós: morremos e reencarnámos para trás: tu és um crocodilo, eu um pássaro. Somos arquétipos, no sentido que dei a essa expressão, há tantos anos, quando abandonei Freud e a sua obsessão pelo sexo.” Piaget abriu a enorme boca, aqueles lindos dentes e a gorda língua conferiam-lhe uma sublime graça quando sorria. “Não vês que eu tinha razão? Falamos porque tal como sempre defendi, existe pensamento sem linguagem, nós falamos sem pensamento, porque eu sou um crocodilo e tu um pássaro, é o mesmo: a propriedade comutativa da linguagem e do pensamento!” Jung irritou-se. “Falamos porque reencarnámos animais, mas reencarnámos numa fábula, seu burro!” Piaget soltou uma imensa gargalhada. “Burro? Tu és pássaro, não és burro, nem eu, aliás! Tu, homem dos arquétipos, deves saber que aqui, neste ano e neste reino, neste rio, sou um Deus! O que comprova as minhas teorias, devias pensar nisso com humildade! Repara: não é preciso sequer pensar para se ser Deus!” Jung engoliu em seco e replicou: «mas isso é injusto!» “Tens cada uma, Carl Gustav! Quando tivermos tempo – hoje não – discutiremos esse conceito, a Justiça, talvez cheguemos a algo aceitável por ambos. Mas sabes? Sou um Deus, aqui e agora; essa é a verdade; quem diz procurar a verdade, mesmo os pássaros como tu, Jung, muitas vezes procura apenas vingança ou poder! Parece-me que sofres do famoso «complexo de inferioridade» que inventaste!” Piaget mergulhou lentamente nas águas barrentas e Jung teve de voar.

Carlos Mota